

SEMINÁRIO DoCEntes

UMA PELE QUE FALA E UMA PDT QUE ESCUTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE AUTOLESÃO JUVENIL

Clecia Maria Lopes do Nascimento¹

RESUMO

Este trabalho visa relatar experiências das competências socioemocionais que o professor diretor de turma-PDT pode desenvolver na sala de aula por meio da escuta ativa e acompanhamento individual buscando compreender e solucionar os dilemas que afetam os jovens estudantes. Por tanto, esse relato parte de uma experiência desenvolvida por meio do Projeto Professor Diretor De Turma-PDT em uma escola de ensino regular EEM Maria Marina Soares no município de Guaraciaba do Norte-CE/CREDE 05. O público-alvo são jovens estudantes, na faixa etária entre 14 e 18 anos do 1º ano do ensino médio com comportamentos autolesivos onde encontraram no PDT uma escuta ativa e compreensiva para relatar os problemas que os afetam e prejudicam a concentração e aprendizagem. A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa, contando com as seguintes técnicas: observação participante e entrevistas semiestruturadas com roteiro de entrevistas. Para isso entendemos que a autolesão é um fenômeno social, silencioso que afetam os jovens sem a intenção de suicídio, praticado para aliviar tensões, amenizar dores internas e psicológicas, suavizar o estresse, a solidão e a frustração e ainda sentir prazer. Para detectar esse fenômeno é necessário conhecer bem o estudante, estar disposto a ouvi-los e dialogar com a família e gestão escolar com o intuito de buscar soluções para esses problemas.

Palavras-chave: Autolesão. Jovens. Escola. Corpo.

Introdução

A sensibilização em relação a autolesão entre jovens surgiu através de uma experiência docente em um projeto estadual chamado “Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT)”², desenvolvido pela Secretaria da Educação Básica do Estado Ceará (SEDUC) e implantado nas escolas públicas estaduais do Estado em 2008. O PPDT funciona majoritariamente em turmas de 1º ano do ensino médio nas quais os professores, independentemente da sua área de formação, ficam responsáveis por uma ou mais turmas para conhecer individualmente os estudantes, acompanhando e monitorando o desempenho e rendimento escolar desses alunos, de modo a serem capazes de

¹ Licenciada em Ciências Sociais-UVA, Especialista em Sociologia e Mestre em Sociologia-PROFSOCIO. Professora Diretora de Turma-Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares/CREDE 05.

² Ver: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>

SEMINÁRIO DoCEntes

auxiliar e atender às suas necessidades escolares quando preciso. Esse projeto tem como objetivo atuar como mediador entre gestão escolar, alunos, professores, família e comunidade no processo educativo visando o desempenho escolar, assiduidade, rendimento quantitativo e qualitativo e diminuição da evasão e reprovação.

As aulas de Formação cidadã visam o pleno desenvolvimento cidadão e formação integral do estudante por meio de aulas que abordem temáticas sociais relacionadas à cidadania, problemas sociais, políticas, econômicas, questões ambientais, problemas de saúde, protagonismo juvenil, empreendedorismo e competências socioemocionais no estudante. Foi por meio de debates como esses que surgiu a discussão sobre autolesão na sala de aula, logo foram emergindo relatos de vida, vivências e narrativas que partiam dos estudantes sobre a temática.

Através dessa experiência promovida pelo PDT tive a oportunidade de conhecer relatos individuais de jovens estudantes com sérios conflitos pessoais e familiares que recorriam à prática da autolesão corporal. Ao sentar e conversar com alguns estudantes indagando o motivo do seu mau comportamento em sala de aula, baixo rendimento escolar ou infrequência é que surgiu a autolesão. Durante os relatos eles mostravam os cortes, cicatrizes e fotos nos celulares de marcas feitas em outros momentos, assim como começavam a apontar colegas da escola que também praticavam o ato em segredo.

A autolesão é um ato de cortar a própria pele com o intuito de sentir dor temporariamente sem a intenção de tirar a própria vida, o fato vem sendo apresentado principalmente entre jovens que veem nesse recurso uma alternativa errônea de amenizar as dores, sofrimentos e tristeza que relatam sentirem. No entanto, é um ato perigoso e que pode causar sérios danos à saúde e que deve ser diagnosticado e encaminhado para profissionais capacitados para suprir tal fenômeno.

A relevância e justificativa da pesquisa é justificada pelo alto índice de jovens vivenciando esse fenômeno social³ e pela dificuldade das instituições sociais, como a família, a escola e as instituições religiosas, em saberem como se portar diante de tal temática. A autolesão é uma questão contemporânea que vem ganhando destaque em pesquisas científicas das mais diversas áreas do conhecimento que buscam compreender o fenômeno⁴.

³ “A partir da década de 2000, o fenômeno do crescimento da automutilação entre adolescentes tornou-se público através de notícias veiculadas pela mídia e de matérias on-line, nas quais muitos especialistas têm se pronunciado a este respeito.” (CAVALCANTE, 2015, p.197)

⁴ Giusti (2013) faz referência a pesquisas internacionais e mostra que a automutilação tem início e prevalência durante a

SEMINÁRIO DoCEntes

A busca pela compreensão e solução desse fenômeno ocasionou reivindicações e lutas pela promoção de políticas públicas específicas que possam abranger e tratar da temática, um exemplo disso é a Lei 13.819 de 2019⁵ que institui a política nacional de prevenção da automutilação e suicídio a ser implementada pela União, Estados, municípios e Distrito Federal, publicada no Diário Oficial da União no dia 29/04/2019. A lei cria um sistema nacional para prevenção ao suicídio e à automutilação e um serviço telefônico gratuito para atendimento ao público. A publicação ainda determina que a notificação compulsória dos casos deve ter caráter sigiloso nos estabelecimentos de saúde, segurança, escolas e conselhos tutelares.

Por tanto, temos como objetivos constituir um recurso pedagógico de escuta ativa e compreensiva a fim de atribuir ao PDT através das suas funções e habilidades de acompanhamento individual, reunião com os pais/responsáveis e gestão escolar, práticas e intervenções junto a esses jovens para compreender as motivações e os significados concernentes ao processo de autolesão vivenciado por esses jovens estudantes. Dessa forma, a partir do diálogo e da cooperação entre escola e família possamos enfrentar os problemas que afetam esses jovens e assim promover saúde mental, bem estar e sucesso educativo por meio de uma abordagem compreensiva.

Metodologia

Os recursos metodológicos abordados foi de caráter de metodologia qualitativa a partir de observação participante como professor de Sociologia e também como PDT, dinâmicas interativas nas aulas de formação cidadã, entrevistas com jovens estudantes que se autolesionam e tinham baixo rendimento escolar, faltas constantes e com comportamentos tido como desviantes pela sociedade. Dessa forma, foi feita uma análise e mapeamento desses jovens, realizando um acompanhamento individual e depois uma reunião com núcleo gestor e alguns familiares desse estudantes para passar as informações de cada caso com o intuito de resolver o problema.

Para tal mapeamento utilizamos de uma dinâmica sobre autoconhecimento para expressar por meio de desenhos como se identificam na sociedade, como os outros os veem e quais os problemas que os afetam. A partir desses desenhos selecionamos alguns para aprofundamento de caso e

adolescência, entre 13 e 14 anos, já os casos entre adultos geralmente ocorriam com indivíduos em tratamento psiquiátrico com uma alta prevalência de casos entre 1991 e 2011.

⁵ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm

SEMINÁRIO DoCEntes

compreender através dessas dinâmicas como esses jovens se identificam no mundo.

Resultados e discussão

A partir dessa abordagem qualitativa e dos relatos percebemos os problemas que afetam os nossos jovens e conseqüentemente o seu sucesso escolar. Alguns fatores influenciam na infrequência, evasão escolar e baixo rendimento como a conjuntura familiar, a desigualdade social e cultural, transtornos psicológicos, bullying e ainda a autolesão que hoje faz parte dos problemas e desafios enfrentando por educadores e familiares e que deve ser identificado para assim ser tratado.

A dinâmica realizada nas aulas de formação cidadã contribuiu para verificar e compreender os relatos de vida dos nossos estudantes e assim buscar estratégias para ajudá-los em suas dores, angústias e problemas. O desenho a seguir realizada em uma dinâmica na sala de aula mostra a necessidade de dar voz e ouvir esses jovens, pois na pior das hipóteses esse silêncio pode resultar em autolesão e suicídio.



Foto 1: Desenho realizado por uma estudante onde descreve seus sentimentos, problemas e motivos para a autolesão.

Segundo Cavalcante (2015) a autolesão é um fenômeno que tem se espalhados entre os jovens

SEMINÁRIO DoCEntes

e que tem sido vista por eles como uma forma de lidar com as angústias, tristezas e ansiedades mais intensas. Por isso Sant'Ana (2019) vem ressaltar a importância de informar e conscientizar a equipe escolar sobre casos de autolesão, assim como analisar a gravidade das práticas autolesivas, pois nesses casos há chances de suicídios ou transtornos comórbidos, no entanto, essa equipe deve ser orientada por uma equipe de psicólogos capacitados para isso.

Recebemos relatos permeados de tristeza, rancores, sofrimento e solidão acompanhada por um sentimento de vergonha e culpa. Para Le Breton (2010) esses cortes não são uma tentativa de suicídio, e sim uma tentativa de viver apesar das angústias e sofrimentos. O sigilo era sempre solicitado em todas as entrevistas e conversas aleatórias nos intervalos entre as aulas, por isso, adentrar esse universo e descobrir, um a um, quem eram meus interlocutores foi um processo que se deu com o tempo e com a conquista da confiança de cada um através da observação e escuta ativa.

Considerações finais

Por meio da sensibilização, escuta compreensiva baseada na tolerância e empatia somos capazes de desenvolver uma educação mais humana e sensível que vai além de ensinar códigos, fórmulas, conceitos, regras e temas. Sabemos que entre a formação docente e a realidade concreta da sala de aula há uma distância significativa que muitas vezes não nos fornece subsídios e recursos para enfrentar determinados desafios e dilemas do cotidiano escolar. No entanto, através das competências e habilidades socioemocionais, a busca por novas práticas metodológicas que respeitem os princípios da confidencialidade poderemos cooperar no melhor desempenho escolar desses estudantes.

Referências

CAVALCANTE, João Paulo Braga. **Autolesão na era da acerca de uma subcultura juvenil contemporânea**. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Autolesão não Suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa**. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 120-138, abr. 2019. ISSN 2175-5027.